

Aproximações ao quotidiano com Enrique Lista

Daily Approaches with Enrique Lista

MARCO ANTÓNIO COSTA MOREIRA*

Artigo submetido a 11 de janeiro de 2020 e aprovado a 21 de janeiro de 2020

*Espanha, artista visual, estudante de doutoramento.

AFILIAÇÃO: Universidade de Vigo, Faculdade de Belas Artes de Pontevedra. Afiliação: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes (FBAUL), Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas Artes 4, 1249-058 Lisboa, Portugal. Estância de Investigação de 6 meses. E-mail: m.a.moreira@gmail.com

Resumo: Observar como Enrique Lista, na sua prática artística e criativa, ao lidar com objectos em busca de uma síntese, procura entender, elaborar e reduzir, enquanto forma, a sua prática a uma hermenêutica transformadora e metafórica, é o que se pretende analisar em algumas das suas obras. Pois compreender o “modum” como Lista cria o seu discurso estético e expressivo, e o relaciona não somente como actividade, mas também, como ocupação vital e formal é o que, ao atravessar as metáforas, relacionando objectos e formas, realiza uma transformação das existências, manifestas estética e criativamente, na obra deste autor.

Palavras chave: quotidiano / arte / vida / criatividade e metáfora.

Abstract: *To observe how Enrique Lista, in his artistic and creative practice, when dealing with objects in search of a synthesis, seeks to understand, elaborate and reduce, as a form, his practice to a transformative and metaphorical hermeneutics, is what we intend to analyze in some of his works. For understanding the modum as Lista creates its aesthetic and expressive discourse, relates it not only as an activity, but also as a vital and formal occupation which, by going through metaphors, relating objects and forms; performs a transformation of existences, manifested aesthetically and creatively, in this author's work.*

Keywords: *everyday / art / life / creativity and metaphor.*

Introdução

Nascido em 1977, em Malpica de Bergantiños, na Corunha em Espanha, Enrique Lista licenciou-se pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Vigo. A mesma instituição na qual também fez o Mestrado e o Doutoramento em Investigação e Criação Artística.

Actualmente, Lista tem no seu currículo um grande número de exposições individuais e colectivas, tanto em Espanha como no estrangeiro. Já foi premiado com uma bolsa de colaboração do Ministério de Educación y Cultura de Espanha para investigar junto do Departamento de Escultura da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Vigo. Instituição na qual foi também docente na licenciatura em Belas Artes, nas disciplinas de desenho e escultura.

Além disso, Enrique Lista também fez parte do programa de Residências Artísticas do *Museo de Arte Contemporáneo (MAC)* da Corunha, com o qual posteriormente colaborou como assistente de apoio aos artistas residentes.

Foi também membro organizador do festival de fotografia da Corunha (*FFoco*), e é membro-vogal da associação de artistas da Galiza - *A Colectiva*.

Já comissariou e organizou diversas exposições, cursos e workshops. Sendo também bastante activo como artista-agente no contexto artístico da Galiza. O seu trabalho artístico encontra-se representado em diversas colecções nacionais e internacionais.

Neste artigo vou refletir sobre um conjunto de obras seleccionadas para mostrar como Enrique Lista convoca o quotidiano para criar uma aproximação íntima à sua actividade enquanto autor. Estas obras têm também a peculiaridade de serem sínteses nas quais Lista assume, na forma de um “sentido de humor”, e com o qual mostra uma perspicácia aguçada e inteligência estética, objectos que reduzidos a uma existência formal e hermenêutica, transformam questões ou condições, em metáforas da vida (Campos, 2007).

Portanto, o que pretendo apresentar são estas condições no desenvolvimento artístico das actividades visuais e plásticas de Lista, porém, enquanto estruturas agregadoras de “valor”.

Formas naturais e quotidianas que se transformam, através de artificios intelectuais, em criações formais de discursos estéticos pessoais, que ao tomar expressão através dos objectos com os quais Lista se relaciona, não apenas enquanto actividade, mas também e essencialmente como uma ocupação vital, formal e metafórica, realizando-os, pragmática e objectivamente, como formalidades elaboradas e transformadas como um ser “atravessado intelectualmente”, e que se revela, desta forma, como poético (Bachelard, 1985).

Aproximações ao quotidiano

Enrique Lista desenvolveu no início da sua carreira artística uma preferência pela utilização da fotografia como médio expressivo, pois a partir daqui obtinha resultados plásticos que lhe permitiam desenvolver a metodologia da obra baseada na repetição e sobreposição de imagens. Uma procura para edificar “memórias imagéticas” a partir de imagens fotográficas quotidianas.

Neste projecto inicial, Lista desenvolveu um conjunto de trabalhos nos quais ao apropriar-se de um álbum fotográfico da sua família, e ao manipulá-lo metodologicamente, recorrendo a técnicas analógicas de impressão e digitalização, repetindo várias vezes a mesma construção representativa, transformou especificamente as fotografias originais em vestígios memoriais que, ao trespassar as formas e as figuras, uma nas outras, tornaram-se, apesar da familiaridade, em figuras irreconhecíveis. Tendo como título *(Des)conocidos* (Figura 1) este trabalho de 2004 surge como um conjunto imagético no qual estão representados os seus familiares, no entanto, retratados como se de fantasmas se tratassem. Isto porque o método de trabalho aplicado indeterminou-lhes a identidade individual, fazendo-os habitar numa superfície-temporal como humanos representados, porém, de difícil identificação (Levinas, 2002).

Acerca deste trabalho, Lista escreve o seguinte:

As imaxes que aquí se presentan foron tomadas en orixe de fotografías privadas con máis de vinte anos que foron desprovistas, na medida do posíbel, de trazos descritivos ou informativos, sociolóxicos, históricos ou biográficos, de modo que, como consecuencia, irán perdendo a referencia ás identidades persoais concretas. Serán algo así como ruínas da imaxe como memoria. (Lista, 2020).

O que evidencia, já nesta altura, que Lista tem um grande interesse por uma aproximação do quotidiano à sua actividade artística. Condição que se reflecte no seu trabalho como um todo e nos métodos que lhe dão origem. Pois é transformando e manipulando imageticamente o mundo, que Lista cria uma obra que ao ganhar uma nova subjetividade, de alguma maneira surpreende, sem que se perca de vista o ponto referencial que iniciou a obra (Levinas, 2002).

É deste seu interesse pela fotografia e pelos métodos fotográficos, que se desemboca em objectividades extremamente apuradas, que rapidamente notamos um enveredamento do seu trabalho por características conceptuais. A partir do que, é possível identificar que Lista se mantém, formal e caracteristicamente sintético noutras obras. Condição que eleva até a uma austeridade formal que ao materializar-se nos trabalhos desta altura, resulta em obras como a que se intitula *Poster (arte por comida)*, realizada em 2005 (Figura 2).



Figura 1 · Enrique Lista, *Os dous, Nai, Reis, Defuntos y Cumpreanos*, 2005. Cópia fotográfica digital (Durst-Lambda) montada sobre alumínio. 50 x 70 cm. Fonte: <https://cargocollective.com/enriquelista/Fotografia>

Figura 2 · Enrique Lista, *Poster (arte por comida)*, 2005. Impressão digital. 100 x 70 cm. Fonte: <https://cargocollective.com/enriquelista/condiciones>

Se no caso de *(Des)conocidos* de 2004, Lista procurou por uma aproximação ao quotidiano que enquanto método, ao utilizar um álbum de fotografias de família, leva-nos a questionar a própria condição da representação enquanto formatação imagética, já no novo trabalho de 2005, Lista interessa-se pela aproximação ao quotidiano, mas desta vez, insere-se ele próprio nesta quotidianidade que enquanto formalidade, acontece como forma e tema para o seu trabalho. O que, neste caso, é a própria condição de “valor” que se associa à edificação da metáfora como sua actividade enquanto um artista no mundo. O que serve de condição fundamental para o seu trabalho, e também para a sua sobrevivência enquanto ser humano produtivo. Desta forma, este trabalho de Lista estabelece uma relação com todos os demais humanos através de um quotidiano (Bergson, 2001).

Sobre estes novos desenvolvimentos no seu trabalho, Lista escreve:

Híbrido entre petición de limosna y objeto de merchandising. Un ejemplar fue vendido por el importe equivalente a 10 menús del día en un establecimiento próximo al domicilio del autor. La galería se queda con la mitad del valor-comida.” (Lista, 2020).

Neste período, o seu trabalho faz lembrar e relaciona-se com outros trabalhos de outros artistas de outras gerações, como é o caso da obra *Trouser Word Piece*, do artista americano Keith Arnatt (1930-2008), que em 1972, através de uma fotografia, retratou-se com um cartaz preso ao corpo contendo as palavras “*I’m a real artist*”, com o qual reivindicava a sua condição real de artista, que de tão real, fazia com que fosse igual a qualquer outra pessoa. Pois precisava de espectadores para credibilizar a sua actividade laboral como algo comum enquanto arte. O que ao estabelecer-se no mundo como trabalho, faz deste que é o artista, o que é preciso enquanto ser produtivo (Arendt, 2001).

Lista supera esta necessidade produtiva, como também a reivindicação inerente à produção, pois a condição de artista trabalhador no mundo que ele reivindica acontece como preocupação vital: já que há uma necessidade de se subsistir através do “valor” que se atribui ao seu trabalho. Condição determinante a cada uma das relações de “valor” que estruturam uma sociedade (Levinas, 2002).

Ou seja, se por um lado o desempenho de uma actividade artística, desenvolvida na forma de um ser criador, coloca-o dentro da quotidianidade como temporalidade indeterminável (Bergson, 2001). Por outro lado, as coisas e os acontecimentos quotidianos, permitem que a sua vida flua como o que se define enquanto “valor” numa sociedade (Levinas, 2002). E isto, numa perspectiva bergsoniana, é determinante racional e intelectual, para um entendimento da forma dinheiro como “valor”. Paradoxalmente, também é o que apresenta a precariedade como um ser produtivo (Levinas, 2002), pois aqui na forma de



Figura 3 - Enrique Lista, *PVP*, 2008. Cópia fotográfica digital (Durst-Lambda). 100 x 70 cm.

Fonte: <https://cargocollective.com/enriquelista/condiciones>

Figura 4 - Enrique Lista, *Tres cenas*, 2006. Caixas de pizza invertidas. 27 x 27 x 27 cm cada uma.

Fonte: <https://cargocollective.com/enriquelista/condiciones>



Figura 5 · Enrique Lista, *Factura de su propio enmarcado*, 2006. Impreso A4 emoldurada. 50 x 40 cm.

Fonte: <https://cargocollective.com/enriquelista/condiciones>

Figura 6 · Enrique Lista, *Formatos y costes*, 2007. Fotografias digitais sem moldura, formatos standard. 10 x 15, 13 x 18, 15 x 20, 18 x 24, 20 x 30 e 30 x 40 cm.

Fonte: <https://cargocollective.com/enriquelista/condiciones>

artista, como o seu produto e enquanto trabalhador (Arendt, 2001), Lista desta maneira, atravessa a sua actividade, permitindo ao espectador aceder à efemeridade subsistencial, enquanto “valor”, da sua própria sobrevivência como um ser produtivo mas, cujo trabalho não é a arte (Levinas, 2002).

Estas condições são novamente realizadas e reflectidas num trabalho desenvolvido em 2008, *PVP*. (Figura 3) Nesta nova obra, Lista constrói a representação de um poster publicitário como ideia comum e quotidiana no mundo da arte. Assim, brinca e joga com as percentagens que ganham os agentes artísticos implicados na realização e comercialização do trabalho dos produtores de arte: os artistas. Ao tratar da venda de uma obra de arte, Lista fá-lo com a forma de um “bolo” que, ao ser fatiado, deixa para si uma “fatia”, a qual chama de “autor”, e evidencia – mostrando – que as outras “fatias” destinam-se aos demais custos de uma “obra de arte”.

É possível desta forma compreender e apreciar como Lista utiliza o quotidiano para formalizar sínteses entre o que é a arte e o que representa a vida de um artista. Acção que ao “confundir” a obra com o lugar, e também com a própria existência e concepção metodológica enquanto artista, realiza como objecto marcante e distinto, que enquanto obra de arte, é uma metáfora artística (Levinas, 2002).

Algo que também podemos ver no trabalho (*Tres cenas*), de 2006, (Figura 4) onde o artista recolhe 3 caixas de pizza utilizadas que, ao inverter e as colocar na parede, evidencia as marcas deixadas pela gordura das próprias pizzas nas caixas. Um trabalho que sintetiza, de alguma maneira, trazendo-nos recordações do trabalho das gerações de artistas minimalistas desde os anos 60. Concedendo uma nova dimensão conceptual, a partir da qual se pode pensar na indeterminação de quem é o autor da obra (Bergson, 2001), sendo que Lista apenas teve a ideia e o gesto ao recolher e inverter as caixas, pois as figuras representadas resultam de uma actividade quotidiana de outrem (Levinas, 2002).

Do mesmo modo acontece noutras duas obras, também de 2006, *Factura de su propio enmarcado* e *Formatos y costes*, (Figura 5). Na primeira, Lista manda emoldurar a “factura do custo da sua emolduração”, tornando a obra, desta forma, “na factura da obra emoldurada”. E na segunda (Figura 6), quando ele ao fotografar moedas que representam “o custo de impressão da fotografia no tamanho específico impresso”, demonstra como o custo do que se produz, realiza-se como quotidianidade, na forma do “valor” das moedas representadas e fotografadas presentes na escala do impresso.

Sobre esta peça Lista refere:

“Pieza “pedagógica”: cada fotografía contiene la imagen del dinero en metálico correspondiente al coste del tamaño de la ampliación.” (Lista, 2020).

Conclusão

A partir destas obras de Lista, podemos concluir que há, para além de um jogo de humor, o que à partida pode ser visto como uma ingenuidade, também uma formalidade que existe, ao realizar-se como trabalho (Arendt, 2001) e apresentar-se no limiar de uma representação da própria representação que Lista apresenta como obra de arte (Levinas, 2002).

Ou seja, como se o artista, através da sua actividade (Arendt, 2001), “brincasse” com o limite (Bergson, 2001), fundindo-o e intrelaçando-o às partes de uma mesma objectividade (Levinas, 2002). O que ao torná-las em uma simultaneidade, como obra de arte, aproxima arte e vida, escala e “valor”, método e técnica, criatividade e trabalho. Ofertas únicas que na forma de objectividades indivisíveis, realizam-se como produto.

Uma fusão entre a síntese de “valor”, que se pretende para o trabalho na forma de uma sociedade, porém, como um objecto que tem origem, e estabelece novos significados e subjectividades, que atravessam estruturas de “valor” para edificarem-se como objectos de arte no quotidiano sobre a quotidianidade.

Referências

- Arendt, Hannah (2001) - *A Condição Humana*. Lisboa: Relógio D'Água. ISBN 9789727086375.
- Bachelard, Gaston (1985) *O direito de Sonhar*. São Paulo: Difel. ISBN: 852-860-278-8.
- Bergson, Henri (2001) *A Evolução Criadora*. Lisboa: Edições 70. ISBN: 972-441-072-2.
- Campos, Álvaro (2007) - *Aviso por causa da moral e outros textos de intervenção de Álvaro de Campos*. Lisboa: Editorial Nova Ática. ISBN 978-972-617-206-2.
- Levinas, Emmanuel (2002) - *Totalidad e infinito: ensayo sobre la exterioridade*. Salamanca: Ediciones Sígueme. ISBN: 84-301-0486-0
- Lista, Enrique (2020) - *Condiciones de producción (2005-2011)*. Disponível em: <https://cargocollective.com/enriquelista/Condiciones>
- Lista, Enrique (2020) - *Selección de trabajos fotográficos (1998 – 2006)* Disponível em: <https://cargocollective.com/enriquelista/Fotografia>